

## ANÁLISE SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA MÍDIA IMPRESSA DIÁRIA DE RIO DO SUL (SC)

ALMEIDA, AirtonLorenzoni<sup>1</sup>; GOEDERT, Jullye Annye<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo propõe identificar, através de uma análise morfológica de mídia e de conteúdo, qual a relevância e os valores notícia atribuídos pelo jornal Folha do Alto Vale, da cidade de Rio do Sul, SC, ao tema violência doméstica e de gênero. O estudo compara os boletins de ocorrência registrados na Delegacia da Mulher de Rio do Sul, durante os 31 dias do mês de março de 2010 com as 23 edições da publicação, compreendendo também o mesmo período, de forma a demonstrar qual valor noticioso o aumento da violência contra a mulher merece enquanto espaço de informação e esclarecimento. O estudo busca, ainda, comprovar através do cruzamento de dados obtidos, tanto com os boletins de ocorrência quanto com a morfologia das edições do jornal que, embora o assunto foie é relevante em vários suportes midiáticos, a Folha do Alto Vale não atribuiu nenhuma relevância ao tema.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Análise morfológica da mídia. Jornalismo.

**Abstract:** The present study proposes to identify, through a morphological analysis of media and content, the relevance and the values assigned by the Folhado Alto Vale news, the city of Rio do Sul, SC, the domestic violence and gender issue. The study compares the police reports registered in the Police Women of South River, during the 31 days of march 2010 with 23 editions of the publication, also comprising the same period, in order to show which news value increased violence against women deserves as an area of information and clarification. The study also pursues prove by crossing data obtained with both police as to the morphology of the editions of the newspaper that although the matter was and is relevant in various media, the Folha do Alto Vale has not allocated any relevance to the theme.

**Keywords:** Domestic violence. Morphological analysis of media. Journalism.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação nas Ciências – área de Comunicação Social (UNIJUI), Professor de Comunicação da UNIDAVI (Rio do Sul, SC) e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídias, Linguagens e Sociedade do CNPq. E-mail: almeida.airton@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista e Pesquisadora. E-mail jullynhah@gmail.com

## Violência de gênero

Em um estudo encomendado pelo Ministério do Interior Britânico sobre a exposição do sexo na mídia e a crescente taxa de violência de gênero, a psicóloga Linda Papadopoulos afirma que “a exposição de crianças e adolescentes a conteúdo sexual na mídia vem reforçando a ideia da mulher como objeto de desejo e alvo de violência doméstica”. A facilidade de acesso a conteúdos eróticos através dos diversificados suportes de informação e comunicação, em especial aos que facilitam a mobilidade como os tablets e smartphones faz com que os pais não consigam mais controlar os jovens.

Segundo Papadopoulos (2010), esse conteúdo midiático está “legitimando a ideia de que as mulheres existem para serem usadas e de que os homens existem para usá-las”. Desta maneira a pesquisadora entende que a posição da mulher como alvo de violência doméstica acaba virando comum e até mesmo aceitável.

Hoje os mais distintos suportes midiáticos tentam trazer aos jovens um estereótipo para ser seguido: a busca da beleza física padronizada pela própria mídia. “Um tema dominante em revistas parece ser a necessidade das garotas se apresentarem como sexualmente desejáveis para atrair a atenção masculina”, Papadopoulos (2010), o que, de acordo com a autora, faz com que as mesmas sejam apenas objetos sexuais. Muitas vezes o homem chega a agredir a vítima para “destruir” sua beleza, já que esta se encontra relacionada à sexualidade.

Nem sempre, porém, a violência doméstica contra a mulher prende-se ao fato da beleza, como pode ser superficialmente lida a afirmação de Papadopoulos. Mates (2000, p. 13-4), refere-se à violência contra a mulher como uma “manifestação das relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que causaram a dominação da mulher pelo homem, a discriminação contra a mulher e a interposição de obstáculos contra seu pleno desenvolvimento”.

Por seu turno, Hermann (2002, p.143) clarifica conceitualmente que,

[...] violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público, como no privado, motivada apenas pela sua condição de mulher. [...] Violência intrafamiliar/violência doméstica é a violência perpetrada no lar ou na unidade doméstica, geralmente por um membro da família que viva com a vítima, podendo esta ser homem ou mulher, criança, adolescente ou adulto (a). (HERMANN, 2002, p. 143)

No Brasil a lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, é considerada por muitos organismos internacionais de proteção à mulher como um dos mais modernos instrumentos de amparo contra os crimes praticados por questões de gênero. A referida legislação tipifica e classifica os seguintes tipos: violência física; psicológica; sexual; patrimonial e moral.

Embora a existência de legislação específica e também de políticas públicas tentando erradicar este problema, balanço da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República bem como dados divulgados em março de 2013 pelo Observatório Brasil de Igualdade de Gênero, apontam um significativo crescimento no número de registros de casos de violência doméstica. Desde 2006 até 2012, a Central de Atendimento à Mulher, ou seja, o Ligue 180, alcançou 3.058.392 atendimentos à população, dos quais 732.468 foram contabilizados apenas no ano de 2012, o que representa uma média de 242 casos por dia ou o equivalente a dez casos por hora.

Para alguns especialistas este aumento no índice de denúncias está relacionado com o maior esclarecimento da população, graças ao poder da mídia em divulgar o tema e apontar, por exemplo, a existência de legislação e de políticas públicas específicas. Já para outros, o crescimento no número de denúncias de violência de gênero, como é classificado este tipo de delito, dá-se por que a violência é um fato real e que tem aumentado em todos os setores da vida social e, ainda, por que a mulheres, amparadas por redes sociais tem-se mostrado mais corajosas e apoiadas para denunciar os crimes, tentar reverter a situação.

Divergentes ou não essas opiniões, o fato é que a violência de gênero ganhou visibilidade a partir de 1993, quando Assembleia Geral das Nações Unidas introduziu a primeira definição oficial deste tipo de violência ao adotar a Declaração para Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Em seu documento, a ONU não apenas define o que é violência de gênero como também estabelece que seus países membros adotem medidas que tornem possíveis acabar com estes delitos.

No que diz respeito à mídia, isto é, sua ajuda para esclarecer a questão e também contribuir com um maior debate acerca da temática, o dossiê "Imprensa e Agenda de Direitos das Mulheres: uma análise das tendências da cobertura

jornalística”<sup>3</sup>, realizado pela ANDI – Comunicação e Direitos, pelo Instituto Patrícia Galvão e coordenado por Vivarta (2011) não mostra grandes avanços. Entre algumas das conclusões, o documento aponta que mais de 80% das notícias analisadas não apresentam denúncias sobre as diversas formas de violência contra as mulheres, como também não oferecem nenhum olhar crítico sobre as causas do fenômeno e não discutem propostas ou soluções para o problema. Outra conclusão sobre o papel da mídia, segundo o dossiê aqui referenciado, é que 88,67% das notícias sobre o assunto violência de gênero não mencionam nenhuma das legislações existentes na área.

Em Rio do Sul, município localizado no Alto Vale do Itajaí, interior do Estado de Santa Catarina, a Delegacia da Mulher registrou 220 casos de violência doméstica contra a mulher no ano de 2009. Em 2010, apenas no primeiro semestre, os números registrados totalizaram 174 casos, ou seja, mais da metade do total do ano anterior. No mês de março, no qual é comemorado o Dia Internacional da Mulher e nele foi feito o recorte espaço-temporal para este estudo, os registros totalizaram 17 boletins de ocorrência.

A questão problema que norteou nossa pesquisa foi “qual o espaço jornalístico dedicado ao tema violência doméstica contra a mulher no jornal Tribuna do Alto Vale”, único jornal diário à época do levantamento. Colocou-se como hipótese que diante do aumento dos índices de violência registrados no município, bem como o assunto estar incluído no agendamento temático social, o jornal realiza uma cobertura com destaque e relevância ao tema. Dentre os nossos objetivos procuramos relacionar quais os fatos que envolvem violência doméstica feminina são proeminentes para o jornal Folha do Alto Vale; Confrontar os casos de violência doméstica, relatados nos Boletins de Ocorrência registrados na Delegacia da Mulher de Rio do Sul, com o espaço editorial dedicado a eles pelo jornal; Identificar em qual gênero jornalístico os casos de violência doméstica feminina são enquadrados pelo jornal Folha do Alto Vale<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup>A análise foi realizada em 16 jornais brasileiros, dos quais cinco de circulação nacional (Correio Braziliense, Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo, Valor Econômico) e onze de circulação regional (O Liberal, Hoje em Dia, Diário de Pernambuco, A Crítica, A Gazeta, Zero Hora, Gazeta do Povo, A Tarde, O Povo, O Popular e Folha do Povo) totalizando 2.381 peças jornalísticas.

<sup>4</sup>O jornal *Folha do Alto Vale* foi criado em 22 de junho de 2009, embora sua primeira edição em formato tablóid tenha circulado no dia 1º de julho daquele ano, com uma tiragem inicial de 2,5 mil

## Procedimentos metodológicos

Quanto aos objetivos, o estudo se caracteriza como exploratório e descritivo porque os dados coletados e analisados nos permitem descrever as categorias e tipologias da violência contra a mulher, bem como as categorias, critérios noticiosos e formatos jornalísticos que esta violência é exposta na mídia.

De acordo com Gil (2009, p. 27), as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato e, não raras vezes, constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Para o autor, o método exige a complementação do estudo com levantamentos bibliográficos e documentais, bem como com entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Por outro lado Lakatos e Marconi (1985, p. 86), apresentam a pesquisa exploratória como um grupo componente de pesquisa de campo e citam três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Relativo aos procedimentos da investigação, a pesquisa é bibliográfica e documental. Sob o aspecto documental, esta pesquisa recorreu não apenas aos jornais que formaram o *corpus* do estudo como, ainda, aos registros policiais documentando os casos de violência feminina em Rio do Sul.

Para Gil (2009, p. 51), a pesquisa documental é muito semelhante à bibliográfica na prática, embora se diferencie no método:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2009, p. 51)

Ainda quanto aos documentos, Gil (2009, p. 51) e Moreira (2006, p. 272) os classificam como de fontes primárias ou de fontes secundárias. As primárias são os escritos pessoais, os documentos oficiais, as cartas particulares, textos legais e os documentos internos de empresas e instituições. Já as fontes secundárias se

---

exemplares. O periódico, que encerrou suas atividades em março de 2013, possuía em média 16 páginas impressas em off-set quatro cores, nas quais encontravam-se 9 editorias (cidade, economia, opinião, variedades, segurança, esporte, geral, região, especial). À época deste estudo era o único jornal rio-sulense com circulação diária, não apenas no município de Rio do Sul como também em Agronômica, Laurentino, Rio do Oeste, Lontras, Ibirama, Presidente Getúlio, Taió e Ituporanga.

constituem, grosso modo, a mídia e os relatórios técnicos. Para a consecução desta pesquisa foram empregados os dois tipos de fontes.

O presente estudo também empregou metodologicamente a análise de conteúdo sugerida por Bauer (2002) quanto às categorizações das notícias e Bardin (2011) relativo às categorias tipológicas de violência doméstica. Foi utilizada, ainda, a análise morfológica da mídia (Marques de Melo, 1972), ou seja, a mensuração quantitativa do espaço jornalístico destinado às informações sobre a violência feminina nas páginas da Folha do Alto Vale.

O campo de observação deste estudo se constituiu por um universo formado pelos boletins de ocorrência relativos à violência contra a mulher, registrados na Delegacia da Mulher de Rio do Sul nos 31 dias do mês de março de 2010, bem como pelas 23 edições do Jornal Folha do Alto Vale, que compreende o período de 1 a 31 de março de 2010.

Nas análises morfológicas e/ou de conteúdo da mídia é habitual construir-se uma amostragem que englobe um espaço-temporal cronológico pré-definido pelo pesquisador, a qual, no caso deste estudo, são as 23 edições publicadas no período, o que perfaz um total de 328 páginas impressas, conforme demonstramos no quadro 1 .

**Quadro 1 – Edições da Folha do Alto Vale publicadas no mês de março de 2010**

Nº da edição	Data da edição	Nº de páginas
168	Sábado a segunda-feira, 27 de fevereiro a 1º de março de 2010	12
169	Terça-feira, 2 de março de 2010	12
170	Quarta-feira, 3 de março de 2010	12
171	Quinta-feira, 4 de março de 2010	12
172	Sexta-feira, 5 de março de 2010	12
173	Sábado a segunda-feira, 6 a 8 de março de 2010	12
174	Terça-feira, 9 de março de 2010	16
175	Quarta-feira, 10 de março de 2010	16
176	Quinta-feira, 11 de março de 2010	16

177	Sexta-feira, 12 de março de 2010	16
178	Sábado a segunda-feira, 13 a 15 de março de 2010	16
179	Terça-feira, 16 de março de 2010	16
180	Quarta-feira, 17 de março de 2010	16
181	Quinta-feira, 18 de março de 2010	16
182	Sexta-feira, 19 de março de 2010	16
183	Sábado a segunda-feira, 20 a 22 de março de 2010	16
184	Terça-feira, 23 de março de 2010	16
185	Quarta-feira, 24 de março de 2010	16
186	Quinta-feira, 25 de março de 2010	16
187	Sexta-feira, 26 de março de 2010	16
188	Sábado a segunda-feira, 27 a 29 de março de 2010	16
189	Terça-feira, 30 de março de 2010	16
190	Quarta-feira, 31 de março de 2010	16

Fonte: Pesquisadores

## Resultados e Discussões

Os critérios de análise de dados empregados nesta pesquisa baseiam-se no uso do método comparativo e estatístico. Em um primeiro momento foram levantados todos os boletins de ocorrência sobre violência de gênero registrados na Delegacia da Mulher e, destes, extraídos os do mês de março de 2010. Tais registros foram tabulados seguindo critérios pré-estabelecidos, ou seja, tipo de violência, faixa etária e nível socioeconômico das denunciantes e dos agressores. A segunda etapa se constituiu em realizar uma leitura global das 23 edições do jornal Folha do Alto Vale, localizando e mensurando o espaço jornalístico dado ao tema violência de gênero, empregando-se nesta etapa os métodos de análise de conteúdo e morfológico de análise da mídia, o que resultou em gráficos e tabelas.

Como já explicitado anteriormente, no mês de março de 2010 foram registrados 17 boletins de ocorrência, os quais serviram de corpus para a análise. Na identificação de idade das vítimas, foi feita a separação compreendendo uma

média de 5 anos. Observou-se que a maior parte das vítimas é composta por jovens, e estão na faixa de 15 a 30 anos (42,9%). Quando analisado o item estado civil das vítimas, observa-se que a metade, exatamente 50%, vive em união estável com o acusado, apenas 28,6% são casadas, e as demais 21,4% declararam ser separadas, viúvas e/ou solteiras.

A pesquisa procurou levantar dados como o da escolaridade, tanto da vítima quanto do acusado. Ao analisar estas categorizações, observa-se que 57,1% das vítimas possuem apenas o ensino fundamental incompleto, e 14,3% conseguiram completar o ensino médio. Já os acusados, 42,9% não têm o ensino fundamental completo, e apenas 7,1% possuem o ensino superior incompleto. Percebe-se uma diferença entre vítima e acusado, onde a mulher possui nível escolar inferior, como demonstramos na tabela 1.

**Tabela 1 – Grau de instrução das vítimas e dos acusados nos boletins de ocorrência registrados em março/2010.**

<b>Grau de Instrução</b>	<b>Vítima</b>	<b>Acusado</b>
Ensino Fundamental incompleto	8	6
Ensino Fundamental completo	1	5
Ensino Médio incompleto	2	2
Ensino Médio completo	3	-
Ensino Superior completo	-	-
Ensino Superior incompleto	-	1
<b>Total (*)</b>	<b>14</b>	<b>14</b>

(\*)O somatório apresenta uma diferença em relação ao número de 17 boletins analisados em função de que não foram computados os casos de denúncias registrados pelas vítimas mais de uma vez no mês de março.

Fonte: Pesquisadores

Quanto às profissões, 50% das vítimas eram do lar, as demais ocupavam empregos como costureiras, zeladora, diarista, etc. Apenas 7,1% eram aposentadas. Com relação aos acusados, 21,5% eram pedreiros, os demais realizavam serviços de vendedor, motorista, empresário, profissional liberal. Entre os acusados, 7,14% estavam desempregados.

Ao analisarmos as categorias referentes aos tipos de violência doméstica compreendida pela Lei Maria da Penha, percebe-se nos boletins de ocorrência registrados na delegacia da Mulher de Rio do Sul, a tipificação de apenas dois: violência física e violência psicológica. As agressões físicas são entendidas como



lesão corporal, e totalizaram 42,9% das queixas no mês de março. Por outro lado, a violência psicológica, que às vezes é tão ou mais prejudicial que a física, e é caracterizada por rejeição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas totalizam 57,1% dos registros.

Dos dois tipos de violência percebe-se que as mulheres com idade entre 15 e 30 anos correspondem a 42,9% dos casos de violência registrados nos boletins de ocorrência em Rio do Sul. Deste grupo, 83,4% sofreram lesão corporal e apenas 16,6% ameaças. De todos os registros analisados, percebeu-se outro dado relevante: 57,1% das vítimas tinham apenas o ensino fundamental incompleto. Destas, 62,5% sofreram ameaça, e 37,5% foram registros por lesão corporal. Nesta análise pode-se ver, ainda, que das vítimas com ensino médio completo, que totalizam 21,4%, apenas 66,7% alegam ter sofrido algum tipo de agressão física (lesão corporal), e 33,3% ameaça.

Diante dos resultados até aqui apontados o que se pode afirmar é que a violência doméstica configura-se como um ato comum na cidade de Rio do Sul e que pelas características em que ocorrem, servem de guia inicial para pautas jornalísticas. No caso específico deste trabalho, que estudou a questão exatamente no mês de março, no qual se comemora o Dia Internacional da Mulher, supõe-se e por isso foi colocado por hipótese, que o assunto poderia receber uma abordagem jornalística. Critérios de noticiabilidade e valores notícia os boletins de ocorrência apresentam. Por exemplo, abordar a questão da violência entre grupos de mulheres jovens e com nível de escolaridade baixa. Entretanto, quando realizada a análise morfológica e de conteúdo das edições do jornal Folha do Alto Vale, pode-se observar outro panorama.

Nas 23 edições estudadas, o que totaliza 328 páginas, é possível perceber que há um total de 321.984cm<sup>2</sup> de mancha gráfica, isto é, o espaço de impressão editorial. Apenas duas das edições contam com matérias sobre violência doméstica: a de nº 173, de 6 a 8 de março, e a nº 178, de 13 a 15 de março de 2010.

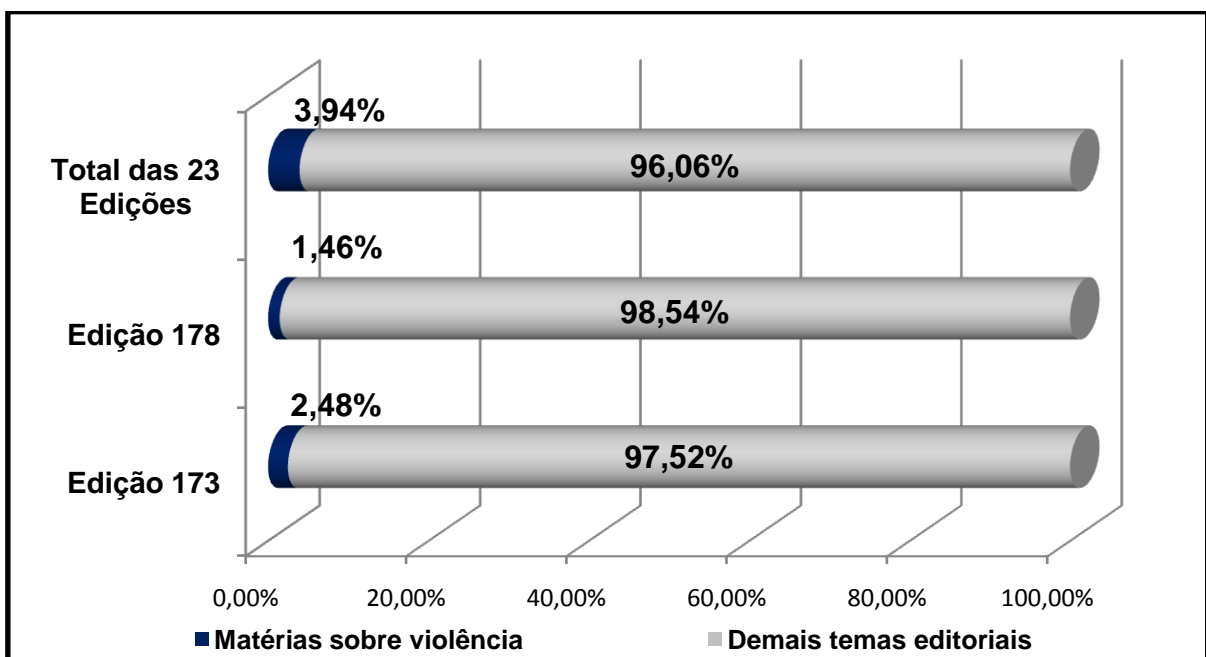
Na edição nº 173, sobrevém na capa uma chamada com foto ("Caiu a casa – Fugitivo há dois anos é preso pela polícia em Laurentino") com 80cm<sup>2</sup> e na página 10 duas matérias, uma referente à chamada de capa (Laurentino – Polícia prende foragido de São Cristóvão) e a segunda intitulada "Ituporanga – Homem continua

foragido após esfaquear esposa”. Ambas as notícias contabilizam um total de 279cm<sup>2</sup> de editorial, o que em percentuais corresponde a 2,48% da edição analisada.

Por sua vez a edição nº 178 de 13 a 15 de março traz na página 12 uma notícia (Taió – Homem é capturado após tentar agredir a polícia), que trata jornalisticamente sobre a prisão de um homem que agrediu policiais militares e que já possuía várias passagens pela delegacia por agressão e violência doméstica. Esta peça jornalística possui 220cm<sup>2</sup>, o que para uma edição com 16 páginas corresponde a apenas 1,46% da edição.

Ao analisar morfologicamente as 23 edições do jornal Folha do Alto Vale, o que este estudo apontou é que dos seus 321.984cm<sup>2</sup> totais de mancha gráfica editorial, 649cm<sup>2</sup> delas foram preenchidos com notícias sobre violência de gênero ou doméstica, o que representa apenas 0,20% de mancha em todo o mês de março, como pode ser melhor visualizado no gráfico 1. Em nenhuma das 23 edições analisadas os 14 casos de violência doméstica contra a mulher registrados na Delegacia de Rio do Sul foram citados, o que pode levar o leitor a pressupor que naquele município catarinense não exista violência doméstica.

**Gráfico 1 – Percentagens das matérias editoriais sobre violência doméstica nas edições de março/2010 do jornal Folha do Alto Vale**



Fonte: Pesquisadores

Para analisar as categorias dos artigos jornalísticos e os formatos das notícias sobre a violência doméstica no jornal Folha do Alto Vale, tomamos como referenciais os de Bauer (2008, p. 200), ou seja: pequeno, médio e grande para o tamanho da peça jornalística, e notícias; reportagem; entrevista; comentário; editorial; revista e outro, para o formato das notícias. Em nosso estudo o que se percebeu é que na Folha, as peças jornalísticas analisadas sobre violência de gênero podem ser enquadradas como de tamanho médio e notícias para o formato da informação.

Relativo aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia creditados à violência de gênero pela Folha do Alto Vale, Liana Paula Trevisan à época editora do jornal, em entrevista aos pesquisadores lembra que, em função das rotinas da produção diária de um jornal e até mesmo por esquecimento dos jornalistas, não há um enfoque especial a esse tema. “[...] a gente busca abordar, mas não como uma prioridade. Está entre as pautas da editoria de segurança, abordamos, mas não com uma prioridade sobre o restante dos assuntos [...] até por que essas são ocorrências diárias”. (TREVISAN, 2010).

### **Considerações finais**

Diante do que foi aqui exposto, a questão problema proposta neste trabalho pode ser respondida de forma a elucidar que o jornal Folha do Alto Vale, embora reconheça que o tema violência doméstica seja relevante e regional, dedicou um espaço insignificante no mês de março à temática, mesmo sendo o período considerado o mês da mulher. Os resultados obtidos com a análise documental dos boletins de ocorrência, bem como das 23 edições do periódico negam a hipótese levantada como estudo e averiguação, ou seja, que diante do aumento dos índices de violência doméstica contra a mulher em Rio do Sul, a Folha do Alto Vale apresentaria uma cobertura jornalística com o destaque e a mesma relevância que o tema foi e tem sido abordado nos mais diversos suportes midiáticos regionais e nacionais.

Verificou-se que o jornal trata a questão de forma jornalística em seu espaço editorial sem uma maior relevância, mesmo que se observe o crescente aumento dos índices de violência doméstica contra a mulher rio-sulense, conforme pesquisado e constatado nos boletins de ocorrência e relatórios da Delegacia da Mulher daquele município catarinense.

Por fim, este estudo atingiu seu objetivo quando identificou o critério, o formato e o gênero jornalísticos conferidos aos casos de violência doméstica feminina no Folha do Alto Vale: são sempre trazidos na editoria de Segurança e apenas quando o fato é muito relevante em toda a mídia. Casos “tidos como corriqueiros”, conforme bem lembrou a editora do jornal rio-sulense, não mereceram destaque no jornal, mesmo em pequena notícia, que é o formato jornalístico mais comum empregado pela publicação quando aborda estes acontecimentos. É razoável admitir que esta visão ou cegueira de que pequenos fatos não podem ser reunidos em uma peça jornalística maior e também mais esclarecedora sobre o assunto, certamente corroboram para impedir que a sociedade os agende em seus debates cotidianos.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, Martin w. Análise de conteúdo: uma revisão. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- BRASIL. Observatório Brasil da Igualdade de gêneros. **Em seis anos, Ligue 180 atendeu a mais de três milhões de denúncias**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/03/11/em-seis-anos-ligue-180-atendeu-a-mais-de-tres-milhoes-de-denuncias>> Acesso em: 08 abr. 2013.
- DEAM – Delegacia Especializada Atendimento à Mulher de Rio Do Sul. **Boletins de Ocorrência Março/2010**. Rio do Sul, SC: 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2009 .
- HERMANN, Leda. **Violência Doméstica e os Juizados Especiais Criminais: a dor que a lei esqueceu**. Campinas, SP: Servanda Editora, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARQUES DE MELO, José. **Estudos de Jornalismo Comparado**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

MATES, Cleusimar Torres. **Violência doméstica: o que leva as mulheres a permanecerem numa relação violenta?**. Blumenau, 2000. Trabalho de conclusão de curso (Graduação: Serviço Social). Centro de Ciências Humanas, Universidade Regional de Blumenau – FURB.

MOREIRA, Sonia Virginia. Análise documental como método e como técnica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed., São Paulo: Atlas, 2006.

PAPADOPOULOS, Linda. **Pesquisa aponta que sexo na mídia estimula a violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://www.viadeacesso.com.br/v2/revista/Sexo/?m=Pesquisa+aponta+que+sexo+na+mídia+estimula+violencia+contra+mulher&id=2779>>. Acesso em 24 nov. 2010.

TREVISAN, Liana Paula. Entrevista concedida aos pesquisadores em 17 de novembro de 2010 .

VIVARTA, Veet (coord.) **Imprensa e agenda de direitos das mulheres: uma análise das tendências da cobertura jornalística**. Brasília, DF: ANDI; Instituto Patrícia Galvão, 2011.